

Trimestre.....	25000
Semestre.....	50000
Anno.....	85000

# O PENSADOR

## ORGÃO DOS INTERESSES DA SOCIEDADE MODERNA

Di Jan non simul parvuli fuerunt, et circumferantur ante vultu dextrum, in angusta hinc inde, in latitudine ad circumferendum errant.  
(S. Paulo, Epistola Cap. V, v. 14, ad Epistoso.)

Maranhão, 30 de Agosto de 1881

Propriedade de uma associação.

### A VISO.

Termina com este numero o trimestre de junho a agosto e por isso pedimos, aos pontos assignantes que se acham em atraso, o obsequio de pagarem.

No dia 10 de setembro vindouro faz uma anno que O Pensador viu chiaro de juizaria a luz da publicidade, sustentando com dignidade e independencia o programma que então se traçou e do qual jamais se afastará, sejam quizes forem os elementos contrarios que por ventura possam apparecer. O Pensador não recua. Retornar é dos covardes.

### O PENSADOR.

MARANHÃO, 30 DE AGOSTO DE 1881.

#### Como não cobardes.

Que homem é aquelle, que embrialhado em uma roupa negra como a noite, se desliza tragicamente por entre as sombras, como que procurando tomar uma posição prepra para o assalto? A caso será elle, já que se occulta, um malfeitor, um desses bandidos que só vivem dos assassinatos e da rapinagem?

Silêncio que vai fallar a Historia! Esse homem chamam-se Cain. Foi o assassino de Abel. Um dia elle appareceu na Grecia e com a ciencia convenenou á Socrates. Com os libros de Judas elle heugou as faces de Christo. Foi a idade media. Matou João Huss. Assassinou Ganganelli. Accendeu as fogueiras da Inquisição. Escreveu o syllabus. Proclamação a infallibilidade do papa. Com o sangue da humanidade tem avencelhado a face da terra. E tem feito isso tudo apoiado na grande fonte da ignorancia humana. Esse homem tem actualmente a nome de padre romano. E a omnipotencia da unidade. E' o mal, sob todas as formas, acompanhando o homem desde os primeiros dias do parazo biblico. Lá encarnou-se em uma serpente. Hoje no corpo do padre. Triste transformação! A Virgem esmagou a cabeça da serpente. O progresso usmagará a do padre.

## FOLHETIM.

### SEU FENICO NO CAJAPI.

No dia 18 da corrente, pelas 8 horas da manhã, o vapor *Gonçalves Dias* balouçava-se galhardo no ancoradouro á espera da Rm.ª carga.

Apesar do interdito que, com a necessaria antecedencia, fechou o portão do vapor nas passageiros que não trouxessem o visto gerencial, obtivimos passagem a cheios de impaciencia, mas devidamente dil-fargados, aguardavamos a hora da partida.

De repente ouvise a rodar de um band e todos se voltou para o largo de Palacio afim de ver descer o homem.

Triste, com o andar calmo e gestos bambaleantes lá vinha elle completamente desacompanhado de homens de bem e apenas seguida pelo *teato de ferro da Vriica* e pelos celebres *espoletas* — *Tato*, o especulador e seu *Pareza*, o *homorado*.

O sacerdote romano é o homem das embuscadas. Envolvendo-se nas dobras do seu habito, elle mette-se no fundo dos templos para pular sobre a consciencia dos povos. Como o jaguar, elle é traiçoeiro. Não apparece á luz do dia. Ataca as occultas. Nunca fere de frente. Não se lhes vê as unhas senão quando produzem effeito. E como o tigre que esconde as unhas debaixo das patas.

O padre romano é essencialmente cobarde. Vasto totalmente de dignidade, elle nada mais é do que o conjuncto elevado de todos os sentimentos que avillão e rebaixão a nossa especie. E por isso que elle se aproveita de todas as fraquezas do homem para sobre elles firmar o seu império de especiação e de infamias. E por isso que elle, do dentro do confessorio, lança, em nome de Deus, a disemdia no lar domestico e a prostituição no corpo da virgem. E por isso que, em vez de pregar a religião para do Christo, propaga as theorias perigosas no papado, isto é — fanatiza. O fanatismo é um ser passivo. Pensa pela cabeça do padre. A devoção tem um guia, quando não seja um amante, pelo meos espirital que é o seu — confessor.

O padre é cobarde. Sim, é cobarde, porque para fazer todas essas coisas e preciso attribuir a si poderes que não tem, memir muito e muito enganar. Não o cobarde pode illudir abusando da fraqueza alheia.

Como as luzes que jorrão das alturas elevadissimas do seculo, vão illuminando os espiritos, e por conseguinte libertando-os do jugo da religião, a egreja sente-se acoutada fortemente por uma vendaval cyclopico, que nada mais é do que a continuação daquelle tempestade titânica — novenda e trez — que derribando um throno e os altares, desmoralizou-se furiosa por sobre todo o mundo vi llo.

E o arruinado edificio do catholicismo, sem apoio, esbalçava-se como o embriagado prestes a cair, sobre as suas bases abaladas. Elle vai rolar por terra.

Os seus ministros, com um esforço supremo, procurando ainda apparecer-lhe a queda, que é inevitavel, empregam nisso toda a energia de suas forcas. Na he derreção allear. A corrupção gastou-as.

Nem ao meos lhe arranjarão uma dessas *ovadellas*, como agora é costume, em que o sujeito paga a *muzica* e a *boia* mas dia com certo orgulho não vim sozinbo....

Elle coitada vinha só e triste como um peru. E no entanto podia pizar em mar de rozas e ser o *enfant gate*, senão de todos, ao meos de grande parte da nossa população. Nem o *Vigario de Perucua*, seu companheiro de viagem, o quiz acompanhar!

Ao contrario, surrado e apressado, vouu da rua do Tapiche para bordo do vapor, onde de trepado em uma das rodas, de bocca aberta e com aquelle obsessão, que de dia para dia vem crescendo, semelhaça uma *camalhão* no seu estado interessante.

Pobre *Vigario*! acoustumado ao cheiro estúpido dos sacristias, era pra elle um espectáculo novo aquelle sibilar de um vento fresco e puro, que das bondas do *Anil* lhe agoutava as mandibulas, caugados de tritar os ossos de galinhas, covadas pelas mãs do coração.

Essas forcas, notai bem, consistem puramente em vociferações contra o espirito moderno, resultado logico do adiantamento das intelligencias. Desesperados contra aquelles que representão as aspirações legittimas do futuro, elles, como unica vianga, lanção mão da — injuria, da calumnia e do insulto.

Mesmo nesse terreno, no qual ninguém lhes pode levar vantagem, elles são cobardes, d'uma cobardia impossivel até de existir na imaginação a mais estrovaçante.

E' que a batina occulta cousas que Satan nunca imaginou. Olhai para dentro della e vereis um abismo insondavel, dentro do qual revolvo-se tudo o que pôde haver de abjecto e degradante neste mundo. O padre é o escondouro por onde passão as podridões desse abismo. Quereis uma prova da cobardia do padre?

Ei-la:

Alguns padres nesta terra, capitaneados por um jesuita desordeiro e especulador, hypocrita e malvado, crearam um jornal para advogar os interesses do catholicismo. No seu programma disserão que só tratarão de questões no terreno dos principios, — que desprezarão as questões parlamentares, pessoais — que não tratarão de individualidades. Esse programma era difficil de sustentar, e já mais tratando-se de advogar a causa de uma religião que já tocou no ultimo grao d'uma doença mortal, — corrupção.

Foi o que se deu. E era isso o que se esperava. O jornal catholico foi pouco a pouco tirando a mascara da cara repugnante e mostrando o que era. Ei-o que se apresentou em scena brandindo as suas armas naturaes: — injuria, a calumnia e o insulto. Foi mais alem. Arregou a nojeira batina e penetrou no santuario da familia! Fazia isto sem que lhe pedissem por as mãos em cima. Ozava de *disfarces*. Cobarde!!

Um dia os theologos redactores esculherão para victima uma militar bravo. Colibrião-no de calumnias. O militar chamou a responsabilidade. E fez isso dias depois de ter o padre João Evangelista de Carvalho dito na *Assendleia Provincial* — chamem o jornal a responsabilidade

O sino de bordo annunciava a hora da partida e o joven comandante, mago no officio, mas velho na pericia, dirigia a manobra.

Mas de baldé ordenava toda a torça. O vapor mal se mechia e, pendido a um lado, parecia querer adornar.

O joven marinheiro ignorando a causa de semelhaça contratempo, buscava desenheir com a vista, habituada a estes lances, o obstaculo que o embacçava, quando alçando para a roda deparou com o *Vigario* que, deitado de horas serviu o vento a longos traços, desequilibrando a vaporsinha!

Desça, brada-lhe o comandante, senão adorna-me a navio. O *Vigario* desceo e o *Gonçalves Dias* livre d'aquelle tranholbo carlava as aguas em busca do desejado *Caipio*.

Sem outro incidente chegou a 1 hora da tarde no porto dos *Frades*, e seu *Antonio* deitando pé em terra fira victima de uma syncope, motivada pela presença de um *corral* que, avivando-lhe recordações, trazia-lhe á imaginação tempos mais *felizes*.

que não se apresentará um testa de ferro, apresentará-se-ha um Mourão, um Pau seca. E o jornal foi chamado o quem se apresentou foi um Ozorio. Noto-se mais que o escripto era um artigo editorial, parte representante do jornal, onde toda a redacção o responsavel, porque é solidaria. No entretanto os redactores do passium clerical occultão-se e mandão aos tribunales um rapaz que talvez fosse innocente. E os seus collegas são os únicos culpados de ser elle considerado um calumniador e o que sempre será. Cobardes!

Mas todas essas baixezas nada são ante a ultima de que temos conhecimento. Porém forão os jesuitas frustados em seus planos maldosos. Forão surprelhados a uma embuscada. Os saltadores sagrados não tiveram tempo de perpetrar o crime.

Eis o que se deu: O jornal catholico manda buscar em Mirador, um editor responsavel para si e para o *Pharol*. O Sr. Ignacio Guodella Mourão, irmão do padre João Tolentino Guodella Mourão, foi o incumbido desse negocio. E com os recursos indigenos de que dispõe sempre um jesuita, elle lança mão d'um pobre homem carregado de familia — o Sr. Dorothen Manoel Pinto. — Abuzando de uma fraqueza deste senhor, como elle mesmo confessa, o tal Ignacio Mourão, embriaga-o, estragando-lhe a razão, e deste modo obtem a assignatura que desejava para a responsabilidade dos dous jornaes. Miséria!!

O sr. Dorothen Mannel Pinto, ao entrar do novo no goso de suas faculdades, pensou no que lhe tinha feito Ignacio Mourão, na cilada que lhe tinha armado: e pensando em si, no futuro de sua familia, envia á esta capital um solemne protesto, que abixo publicamos, no qual declara não ser responsavel dos jornaes *Civilisacão* e *Pharol*.

Esse facto é a morte moral da gazeta catholica. Ella tocou as profundezas da desmoralisação. Não se pode descer mais!

Para que queriam os Ithenogos redactores esse responsavel, que procuraram, mas de bade, arranjar em Mirador? Não estão no goso de seus direitos politicos, não têm responsabilidade perante á lei?

Mas isto foi de pouca dura porque uma enorme vesoria o despertara d'aquell' doce letargia e com grande satisfação descobriu *Frei Marçano*, que alli fora *fazer rapações*, capitaneando um bando de pessoas, na maior parte ignorantes, fanatisadas em nome da religião por esse traficante, que não desmente a *barbalhada* raça. E todas a uma gritavam no som de uma toada de sacristias esta original saudação:

« Já chegou nosso Antoninho,  
Bello e valente rapaz;  
Vem livrar-nos do inferno,  
Das garras de Satanaz. »

Coro.

« Bem vindo seja o varão,  
A quem tanto nós queremos;  
Quando voltar para casa  
Muitos avos lhe faremos. »

Seu Fenico vexado com semelhaça habito

Para que então esse homem, que além da frequência de atrocidades, está sendo processado por crime de ferimentos, como consta d'uma certidão, mandada suscipir pelo sr. dr. Souza Rangel, e o que foi empurrado pelo escriptor José Raimundo Ewerton?...

Se tendes, como dizeis, responsabilidade propria, responsabilidade perante os deus, para que então não outra responsavel por tudo aquilo que escreverdes nos vossos jornais?

Até interáveis que sois! E que vós, infames jesuitas, perturbadores da sociedade, não tendes, antes fracos e sem lizo, dignidade e coragem para responsabilisar-vos, ante o publico, ante os tribunales, pelas injurias, pelas calumnias, que pollão em todos os vossos escriptos.

Colardes!!

E o que vem a ser esse crime? Acaso um outro pasquim para advogar os interesses catholicos? Nos ja sabemos qual o fim que se tem esse pasquim, e vamos dizelo, para que todos o saibão.

O crime, era destinado pelos redactores do orgão clerical para, na linguagem a mais vil e indecente, a mais torpe e immoral, atacar, cobardemente e atrozmente, não só a nossa vida privada, como as de nossas familias. E não ficaria só nisso, não ser victimas da mesma maneira a vida particular e as familias dos srs. desambargadores, do sr. dr. Augusto de Mello Fozza, do dr. Antonio Jansen de Mattos Pereira, Antonio Martiniano Lapenberg e João Henrique Vieira da Silva, nossos distinctos advogados; do sr. Bráulio, dos maiores Cauda e Tavares, dos proprietarios e redactores do attimo no Maranhão e Pacotilha, do grande numero de negociantes e de diversas outras pessoas que tem a felicidade de pensar livremente.

Eis o que se tem a ser o privado, e nada mais do que isso. Temos calad certeza. Felizmente elle morreu inda em mente. O monstro não veio a luz.

E são os redactores do orgão clerical que nos clamão pasquimicos, rapasão sem responsabilidade perante a lei!!

Provoçamos que se nos mostre um só acto de cobardia da nossa parte, uma só pessoa calumniada por nós.

Pasquimicos, maltrapilhos da imprensa, sois vós, que dizendo-se senhores de suas ações, possuidores de direitos politicos, injuriavam e caluniavam cobardemente a sociedade em peso, humilto-se em um testa de ferro que ainda se arranjava em Mirador.

Pasquimicos e maltrapilhos da imprensa sois vós, famigerados bandidos, que a estas horas já terreis arranjado um outro testa de ferro, para poderdes continuar no vosso triste officio de insultar.

Cobardes!!

Recusai, cobardes de mulheres, indizes de consciencia alheia, na carreira perigosa que escolhestes. Fazl para os vossos filhos, noivos bravos. Morteiros na Cathedra, saltadores de estrada. A sociedade desprezavos.

Recusai.

E nós, que advogamos a causa do povo, nós que detestamos os hypocritas, que odiamos os delictores, que esboçamos em nome de Christo, que maldo em nome de Deus, não desmentaremos em quanto não tivermos cortado o vosso campo com o agoragico ferro da verdade. — E portanto não tivemos escripto nas vossas cartas sem pejo, sobre as quizes prohibiçoes as mulheres dos rapasões, estas palavras, que vos caracterisam.

CORAJES E INFAMES.

Eis o protesto do sr. Donatien Manoel Paulo. Leia-o o publico e depois dirá com nosos:

CORAJES E INFAMES.

No dia 21 deste mez, use não me enganou, o sr. Ignacio Guedella Mourão, aqui residente, abusando do meu estado, nas horas que elle muito do proposito me fazia ficar perturbado por effeito do alcohol, fozme assignar um papel, em o qual em me dizia—editor dos jornaes «Civilização» e «Faro»; e responsavel por toda publicação nos mesmos fozta—e isto no dia de sua partida para Cayari; mas não sendo isso de minha vontade, pois não só não auctori heros para tal fim, como não tenho interesse alguma nas questões dos srs. padres, tendo sido apenas ajudado pelo Sr. Guedella, pezo-me em estado abjecto de poder conseguir seus fins, applicando ainda mais as honras de amigos; declaro desde ja que não só não sou editor dos jornaes «Civilização» e «Faro» como não me responsabilizo por nem uma publicação n'elles feita, pois não tenho para isso razoes, a não ser a falsidade de que tizou o sr. Guedella Mourão para comigo, fim de agradar a seu irmão o conego Mourão e seus amigos, embora com a desgraça de um pobre pai de numerosa familia.

Não tivesse consideração a mim, como não leve, mas confioesses no menos de minha familia de quem sou unico arrimo.

E denotas, não pode produzir effeito algum semelhante responsabilidade; pois estando em sendo processado aqui desde o dia vinte e quatro de junho ultimo findo por crime de ferimentos, não foi esta circumstancia declarada na folha corrala que acompanhou o mesmo abuso assignado, segundo foi informado por não ter sido fallada na empulso do sr. Guedella pelo escriptor da delegacia de policia d'esta villa, por cujo cartorio corria um inquerito politico contra mim; e por cujo crime fui denunciado pelo promotor publico da comarca em 13 deste mez como tendo causa da certidão que junto e que pede seja publicada.

Ainda acha se illegal a folha corrala al-

bulada por não ter sido fallada por todos os escriptos desta comarca como manda a lei d'aqui não fallaram os escriptos da delegacia, subdelegacia e juiz de paz; assim como não fallaram os de Loreto, e Piasos-Rios, todos desta mesma comarca. Assim pois protesto contra a declaração do meu nome nos jornaes «Civilização» e «Faro» como editor responsavel.

Nunca fui e nem ho de ser; e nem os srs. padres deverão azar de um meio ta para exercebam seus caprichos contra o pob e os homens de bem; visto que o programma de sua fozta, e todo honestidade.

E mesmo contrario a religião desgraçasse a um pai de familia para satisfazer paixões.

Se tem desejo de vingança, responsabilisem pelos seus actos, o não prejudiquem a um padre com familia em nome da religião, aproveitando-se de um fraco que elle tem.

Não sou responsavel dos jornaes «Civilização» e «Faro». Mirador, 3 de julho de 1881.

Donatien Manoel Paulo.

E na mesma occasião dirigí a redacção da «Civilização» e «Faro» a seguinte declaração:

Declaro que não sou editor e nem responsavel dos jornaes «Civilização» e «Faro». Mirador, 3 de julho de 1881.

Donatien Paulo.

Recebidão as duas assignaturas de Donatien Manoel Paulo e da lei. Mirador 29 de julho de 1881.

Em testemunho da verdade.—O tabelião, José Raimundo Ewerton.

Ilm. sr. dr. juiz municipal da comarca.

Donatien Manoel Paulo, pezoisa a folha de seu direito que v. s. mande que o escriptor Ewerton certifique ao pi desta so o supplicante, está em não sendo processado por este juizo por crime de ferimentos; quando começaram as investigações do crime, isto é o inquerito policial procedido pelo delegado de policia, e a quallos de que mez foi offerecida a denuncia pelo promotor publico.

Nestes termos. Pede a v. s. deferimento de justiça e E. B. M.º

Mirador, 25 de junho de 1881.

Certifique, Mirador, 25 de julho de 1881.

Souza Rangel.

Certifico em cumprimento ao respectavel despacho exarado na petição supra, quanto ao primeiro artigo affirmativamente; no segundo pelo autoassentado de portaria do respectivo delegado de policia do termo cidadão Luiz Carlos de Magalhães, esta em data de 23, o authe-

ntico do novillo para admira todo amesso a bella filha da veia Gist.

As tres horas da tarde d'esse mesmo dia 20 voltava ao Gonçalves Dias, depois de ter rondoteado como um christo de latão e um resarido de cedeo o benemerito sechristão da villa. E a bordo, já livre dos enaprimentas, inventariava em companhia do Piracava os innumeros presentes que recebera, constantes na sua maioria de ovos de diferentes feitios e qualidades e alguns currieiros, entre os quaes figurava o que lhe dera o Fabricio com a condeção de viver solteiro entre as suas duas queridas Miquelinas.

Mas o que prendia sobre modo a attenção da Piracava era um capado, que o gaio professor offerecera ao Rvm. dizendo-lhe ja se achar a herdo.

As 7 horas da noite d'esse mesmo dia se-

mento de 23, todo do mez de junho ultimo.—Finalmente a denuncia do promotor publico, se acha datada de 13 de julho corrente. O referido é verdade e dou fe. Mirador 25 de julho de 1881.

O escriptor,

José Raimundo Ewerton.

Abillado: o inquerito policial teve como a vinte e sete de junho ultimo. O referido é verdade e nos proprios autos achão citados meu reporto e dou fe. Mirador 25 de julho de 1881.

O escriptor,

José Raimundo Ewerton.

Yonos pesamos ao Sr. D. Antonio Candido d'Alvarengo.

Sabe o publico que o sr. D. Antonio de Macedo Costa, bispo do Pará, fóra apresentada candidato a deputação geral pelo circulo de Campinas, na provincia de S. Paulo, por meio d'uma de catholicos.

Para d'rem, parent, maior valto a este facto, não trepidáramos em espallar que uma tal candidatura era sympathica á provincia e com especificidade ao partido conservador.

Hoje parent, os acontecimentos demonstram o contrario e provam até a evidencia que os braves fillos de tão heroica provincia nunca tiveram em mente semelhante idea.

Na reunião conservadora, ha pouco effectuada em Campinas, foi escolhido o dr. João Gabriel de Moraes Navarro, para candidato a deputação geral por aquelle circulo.

O sr. Bispo do Pará apenas obtve cinco votos, tendo os outros membros do partido alcançado trinta e tantos.

Não contentes com isto os catholicos, partidarios acerrimos do regresso e atraso do povo, dirigiram-se ao sr. D. Lino, bispo de S. Paulo, pedindo he sua valiosa coadjvação em prol de tal candidatura.

S. exe. que parece gozar ainda de algum aceno, longe de abraçar tal idea, respondelhes que compunha fivesse na maior estima e esher, as virtudes e serviços de seu collega, com todo não podia intervir na luta politica, porque em seu conceito deve a igreja ser alheia e superior aos partidos.

Esta resposta desorientou completamente os catholicos, e hoje ja quasi nem se falla em semelhante causa.

Isto acontece com o sr. D. Antonio de Macedo Costa, que embora rancoroso e utrahilario, tinha com todo a seu favor o talento e illustração que todos reconhecem.

O que sucederá com o nosso bispo, D. Antonio d'Alvarengo, que tambem é candidato pela mesma provincia?

Com o apoio de sua collega? Isso não, pois estamos herá certos que o sr. D. Lino não concorrera para tal desgraça.

seira fez signal de silencio e encaminhou-se para a Bamada que ficava na Chapadinha para o receber e a que o vulgo deu o christoso nome de Poço da Peguapá.

Ahi pousado recebeu as homenagens dos Srs. Manoel magro, capitão Ignacio, Zeca, vigario Fabricio e Nô Augusto; e deixou-se cumprir por D. Beato, Nô Zazé, Nô Pulcheria e os Aquinas, que temaram em lhe beijar os pés, no que o varão consentio contrario porque, não os tendo lavado ha dias, recevia que cheirassem a patchcaudy.

Em seguida pediu a palavra o substrario barbatinho que prohibiu a dança e os amores durante o tempo que seu Totonko lá estivesse.

Nessa occasião ovio-se um extemporanea viva á religião catholica sabido da garganta adanera de João Pelado, nosso amigo e conhecido desde que tomou crevas para experimentar o amor da namorada.

Terminado que foi o acto, seu Totoco pediu um cavallo e armado da vara de ferrão de José

Constantino, lá se foi em companhia de Nô Cantello correr a Ceceada, Anidade, Tanque e Yabocatinha, onde encontrou—ah felicidade inaudita!—um novi-bo valente de pontas viradas.

O habito e uma segunda natureza e aquellos famosos tempos de S. Paulo acudiram-lhe da tropel á febril imaginção.

Para logo esqueceu tudo que o cercava e de ferrão em punho, attira e brasso animal que o obriga a segil-o até Socrenava, onde cansado, se deixa dominar. Então o Rvd. vaqueiro late palmas de contente e lenco de alegria dá-lhe quedas de rabo e derriba-o afinal com o ferrão, cantando todo orgulhoso esta copla campesina:

«Chiste bello novillo  
Com os tuas pontas viradas;  
Ninguem resiste ao ferrão  
Do Totico das multadas»

Cansado e golejante de suor voltou ao Poço da Peguapá—esquecendo logo a rampa-

gnium para o pago dos Remedios a Rvm. comotivo e a bicharia trazida de Cupajo, cezando-se mais uma vez o Thezouro Provincial, que vive os direitos por um acerto. Mas nem tudo são rozas n'este mundo... e no dia seguinte, quando se disculia a maneira de preparar as urellas do rapado, apresenta-se o Sr. Jose Aracáde no Paço, reclamando o parco que era seu, como proxava com o respectivo manifestado. E afinal lá voltou o bicho para seu dono, ficando, patente que o professor e o homem de mais espirito de Cayari.

Sua Rvm. naturalmente tomou a nuvem por Juno e porco que lhe dera o homem não era quadrupede e sim d'aquelles que Antonio Candido paga de vez em quando em companhia do Mourão.

E assim terminou esta celebre viagem em que a falta da dança deo-nos um tão triste folhetim.

Augusto Almeida.



Se o sr. bispo do Pará, não merecer do prelado paulista a protecção que seus partidarios imploravam, quanto mais D. Antonio d'Alvarenga a quem falleceram todos os meios para occupar um cargo tão importante como é o de representante da nação.

S. exc., como mesmo deve reconhecer, não tem as habilitações precisas para desempenhar com acerto qualquer cargo d'importancia.

Para prova, veja a. exc. o papel que tem representado desde que por infelicidade nossa, achase a testa da diocese maranhense.

A provincia de S. Paulo que brillantemente tem sido representada no parlamento, de certo, convergou-se ha de ter s. exc. como seu representante.

Fazemos um grande conceito do povo paulista, e tomamos mesmo convicção que não conspurcará o nome glorioso que brillantemente tem adquirido.

Em vista de tal acontecimento, não podemos deixar de saudar a brava provincia, que collocando-se na altura em que permanece ha já bastante tempo, impediu com toda energia que o jesuitismo, — seita perigosa e immoral, tivesse um representante no seio do parlamento brasileiro.

Quando ao sr. D. Antonio d'Alvarenga, aconselhamos lhe que porca as esperanças e que desde já acceda os nossos pezaes

cripturario, e mostra-o a quem quizer ver, uma grande folha de papel, contendo uma pintura por demais immoral, e uma grande quantidade de versos que consideramos os mais infelizes e porcos que podem cair da boca de uma penna. Esse papel foi dirigido, por motivo de cunha, a um soldado da 6.ª companhia do 5.º batalhão, pelo padre João Barbosa.

Por isso muito bem se pode fazer um juizo approximado dos merecimentos desse santo theologo.

Oh! vos pobres donzellas! evitai esse padre, que e um abismo de devassidão, um monstro de luxuria.

Quando elle approximar-se de vós, espielhe as faces cynicas, ou então marcan-as com a chibela de varios pos.

Não lhes toqueis com as mãos. Manchar-vos-hiéis assim.

48—81—8.

Fres Satua.

Uma alma vil.

Entre a camarilla negra, que deshonra o clero maranhense, de que infelizmente faz parte, vegeta um padre burro e quasi analfabeto que accede pela alomba de *Banaffi*. Este imbecil, completamente tapado e incapaz de ligar duas ideias lóas, vive ligado nos seus *aliquas compañeros de trepellas*, só por que lhe disserão que d'isso lhe podin vir algum proveito, pois elle ignora nemme o que e ser jesuita.

Semelhante em tudo as estúpida perri, seria capaz d'exoragar na *latterna apocada* a cara patibular de João Tolentino.

Burro, como e, devia, por via de regra, ser um typo bem intencionado. Mas para complemento de um todo parvo e repelente, possuie *Banaffi* a alma mais infame que se pode imaginar.

No dia, fallando com um cavalheiro seo concenraes respeito a festa de Santa Filomena, disse com uma satisficção saliania — *andá ha providencia, dizem, um talante Baptista, Travassos e Sampaio, que promovevam a aquella festa contra as ordens de bispo — já pagaram — e bladia com um riso alvai as infelicitades alieitas!*

A Hyena desenterrando cadaveres nos cemiterios para matar a fome e menos repugnante do que esse padre infame tripudando em nome da religião sobre as desgraças do proximo.

Casta a conchegar-se tanta maldade no peila de um homem.

Nós preferimos acreditar que esse miseravel estava simplesmente bebado qum o pronunciou palavras tão infames. E para interesse d'esse scyophanta e preferivel a ultima hypothese, porque o bebado pode ainda reabilitar-se e o infame nunca.

Candido Martinho

E tudo mais e assim.

Ainda não ha muito tempo que um negociante, *verdadeiro catholico* e saeno de uma respeitavel casa, *calava* aos pés a propria dignidade depondo que estava presente a certos distúrbios, quando mais do d'os testemunhas o virão na janella de sua casa, na occasiã em que elles se deram. Agora, alguns catholicos não menos *verdadeiros*, queiram engozopar o publico de um modo original. Eis o facto:

No Paz de 27 de corrente, prestaer bem attenção ás datas, um catholico contou as patifarias do barbadinho, que sinaparia queobar a Christo, se o povo não lhe obedecesse.

Este facto, que acreditamos pamente, pois sabemos o que são esses *lazzarões* de batin, foi contestado pelos individuos Aranha, Menezes, Teixeira, Moraes e Campos, no Paz de 26 da corrente, em um correspondencia de S. Vicente Ferrer com data de 20 do corrente!

Não admira que estes *verdadeiros catholicos* contestassem as proezas do missionario apudalino, o que parem entãa panno e até faz a gente acreditar em milagres, e que elles tivessem a habilidade de ler em S. Vicente Ferrer, no dia 20 de Agosto uma correspondencia aqui publicada no Paz do dia 21!!!

E a não ser que o *Espirito Santo* tenha metido o bochecho n'este negocio, o telegrapho electrico deixava de ser um grande invento, para dar lugar ao *telegrapho catholico* que leva a velocidade a ponto de noticiar factos que ainda não se deram! E viva o santo reigão.

Ozorio Athayde.

VARIEDADE

O Pureza em procura de outro officio.

Ananã era bella, como só um poeta sabe dizel-o. Um velhote baixote e brejeirote transpuzio os umbrais da porta do maximo seminario e caminhava com impaciencia.

Era o Pureza. Ao chegar a casa commercial do... mandou arriar um grog do Martell e em quanto o caixeiro arriava, elle, o velhote, fazia, muito com sigilo, estas considerações:

Quem te mandou sapateiro tocar rabeção? Eu bom podia estar livre d'estas causas; em fim são fraquezas, são... Ora, boa filha! e andar eu assim cabisbaixo, como que confessando o meu crime?! Não ha duvida, vou em procura de outro officio...

Depois de engolir o grog, estabulado os beigos, como que regozijado da boa pinga, o Pureza dispunha-se a sair, assim sem mais nem menos.

O caixeiro seguiu e pergunta-lhe pelas cobres.

—Os cobres? ora esta! tome nota...

—Mas, diz o caixeiro, o sr. não tem credito n'esta casa.

—Ora, bôta lá, responde o Pureza, propondo-se a sair; debito enfão ao bispo.

—O caixeiro antepoz-se-lhe á sahida e diz: mas, sr. como?

—Ora, como! torna o Pureza, o sr. debito: o bispo — devo — um grog de cognae, 200 reis.

—Mas, homem dos diabos insiste o caixeiro, sua exc. nunca comprou n'esta casa, mesma assim, tem credito, porque el-rei tem costas; mas e foio que debitos o nosso pastor por um grog.

—Faça o que entender, com tanto que eu bebi um grog. Ia isso e certo mas quem hebeio foi o bispo, quero dizer, eu bebi e elle paga.

—Mas, sr., isso não pode ser...

—Pois n'esse caso, se não pode ser assim, seja assado; se o sr. não quer que eu beba e elle pague, elle paga e eu bebo...

E o typo amoncon-se.

Ora, a cabeça do sr. Pureza e muito fraca. O nosso amigo não tem a mesma constituição do sr. Moyses Tudo. Este e *top fort*. O alcool evaporou-se para a mirante da homem e elle principiou a ver mûlhocas no ar.

—*Ande irei eu?* perguntava a si mesmo o desalvado orphãozinho, no Cairo? em Malta? em Nazareth? no Egypto? mundo infinito e tu sem honra, oh! sim...

Um passo mais, o nosso lamen em entrar em uma quitanda, dando cusejo a travar-se o seguinte dialogo:

—Quitandeiro: o que pretende?

—Pureza: eu, sr., pretendo

—Quitandeiro: pretencia o que?

—Pureza: empregar me

—Quitandeiro: e quem l'ho obsta?

—Pureza: ninguém; mais e que o emprego, por mim escolhido, lvi na sua casa; visto ter eu lido um avizo, em que o sr. dizia prezizar de um caixeiro do pureza idade.

Quitandeiro: ve o meu amigo, desde logo que a sua pessoa não m'cheias medidas, isto e, não satisfaz os requisitos, por mim exigidos no alvudido annuncio; *primo*, por que pego um caixeiro *de vez* e vem me um maduro; segundo, por que o meu escripto requer fiança de conduecia e o sr. d'isso não trata.

—O Pureza: pois olha, tudo isso e de verso do que o sr. pensava. Pareço lhe maduro, não e assim? mas sou, mesmo uma creança. Faço traquinices só proprias de um belê. Olha, quando aqui esteve o Zacharias; não conheceu o Zacharias? quando aqui esteve o Zacharias?, muitas vezes aconselhei-o a que alparardasse assim qualquer piada, consinha pouca, da gaveta do bispo, com o fim de regalarmos-nos eu e o Zacharias;

mas o diacho do homem, o que tinha de alto e magro, tinha de honesto. Era uma verdadeira antithese d'este seu creado. Já vê viu, que eu sou mesmo uma creança e mereço e logar... Quanto ao segundo ponto da sua exigencia, tambem posso contentar-se; porque nunca mandei a minha reputação; só um crime tenho commettido na minha vida, um só o foi seduzir uma orphã... mas isso... —Quitandeiro: pois o sr. e seductor de orphãs? vá de retro! e em que estava todo me falando pelas labias d'este maroto... Olha, que pela lingua ninguém te leva preso...

—Pureza: enfim, admitto ou não me admite em sua casa?

—Quitandeiro: nada! o sr. mesmo encarrugou-se de desprestigiar-se perante mim...

—Que tal! um caixeiro, que gesta de conjugar o verbo surrupio e faz garbo em ser Adão em pleno seculo dezanove! Ah! ah! ah!

E o Pureza foi-se.

Mais adiante batão solta e seu Pureza encartou a sua via. Entrando na tenda encartou com o sapateiro, que remontava uma bata e diz-lhe:

—Olê! amigo...

—O que temos?

—Você não admite discipulos?

—Em que condições?

—Em certas e determinadas...

—Olhe: eu os admitto, mas e com a condição de aprenderem e me servirem, caso se fossem meus escravos e, dado o caso d'elles escaparem fora do caço, alego-lhes o lombo com este firapê malicioso.

O sapateiro juntou a açõã á palavra e largou-lhe, em cheio, pelas costas com o instrumento de seu trabalho. O Pureza retorceu-se, como uma jargatixa; porém não ligio nem augio.

Apenas fora, o pobre homem interpellou o sapateiro da maneira seguinte:

—Com que direito deu-me o sr.?

—O sapateiro, continuando o seu serviço, respondeu, o mais seccamente possivel: com o direito do forte sobre o fraco. Eu sou um pobre operario, que vivo do meu trabalho e o sr. e um seductor, que vive á custa alieita. Eu sou um homem de bem e o sr. e um canalha. Eu ho me em meus braços e o sr. e um covarde...

E o sapateiro ia se levantando; porém o Pureza foi-se retrazendo. Eo pendente, quão ligeiramente.

O Pureza, a maneira de um perdidio, mergulhou na porta do sapateiro e, passados cinco minutos, sahio na d'um latoneiro, que matava a tempo fabricando um fonil.

—Olê! seu homem, brada o Pureza?

—Quem morreu? pergunta o latoneiro.

—Preciza officias?

—Tombo-as de sobra...

—Mas olhe! trabalho pela metade do salario dos outros...

—O que sabe fazer voce?

—Gaollas, responde o Pureza.

Engatidado devias tu estar, para não fazeres das tuas, meu palife! Pensas que l'ho conheço? Não es o Pureza?

—Qual Pureza?

—Aquelle celebre Pureza, seductor...

—O que?! Eu sou o Pureza; mas não sou o Pureza, que o senhor pensa.

—Oh! Maricas, diz o latoneiro olhando para o fundo da officina, traz-me d'ahi o peito para obsequiar um amigo...

E o Pureza virase, repentinamente e diz: *ora, quão!* que de lólo não tenho em nada e sumio-se...

*Ande irei eu?* imaginava o Pureza. Tenho percorrido o Maranhão em *pezo* e nada de arraujo... mas e preciso outro officio... Isto não está bom. Ah! eu sempre sou um canalhão de favorecer! A gente nunca e propheta na sua terra, e um dito antigo e certissimo. Pois bem! que chamem contra mim os meios do

COLLABORAÇÃO

Sentido com elle !!

Como o nosso fim na imprensa e advogar a causa dos fraços, das opprimidos, d'aquelles que não são protegidos pela fortuna, resolvemos trazer ao conhecimento do publico, para que o possa ouvir, um sacerdote romano, que se tem tornado celebre pelos seus sentimentos baixos e corruptos. Este sacerdote e o padre — João Barbosa.

Esse ministro do papa e um homem mau, assaz perigoso, porque e um devasso, que se prevalece da sua posição de sacerdote para plantar e prostituição por onde vai passando. Transformando a botina em manto de libertina, a cruz de Christo em galteria de D. Juan, esse pivaro do rompeta prostitue uma mulher com a mesma facilidade com que enocionamos um defundo.

A sua boca lateja que nunca se abrisse para consolar um triste, para animar-o no caminho da vida, para incutir-lhe na alma a coragem propria para poder soffrer. Mas ter-se-ha aberto innumeras vezes para murmurar ao ouvido das donzellas umas causas baixas e insolentes. Talvez que nunca tivesse asquado as lizes angolicas das crianças, das crianças que a Christo tanto amou! Mas, sem duvida, terá machucado com seus beijos corruptos as faces puras das virgens. Talvez que a sua mão nunca se abrisse para fazer o bem. Mas ter-se-ha servido della para fins lihidinosos. Não saheta o que seja caridade. Porém saheta o que seja — seduzir. Ante as Magdalenas prefere a sensualidade de Sardanaplo aos bons sentimentos do Christo.

E a sociedade conuente que esse animal se scieia a vontade sem o menor respeito ás leis da moralidade!!

E não ha por ahi alguém que tenha tido a coragem de aplacar o sensuismo desse hade creado com um sevo de chirote!...

Ah! padre! ainda não leres encontrado quem te scobesse beneficiar!... O Moirão que te diga o que heirão a mihi fu infel. E o que mereces.

O padre João Barbosa tem por costuma passeiar pelas ligares habitados por poderes, sem recursos, unde ha muita miseria, muita necessidade. Se isto fizesse com a intenção de succorrer aos seu proximo, em maitissima laravel. Mas e o que não se dá. Elle procura de proposito essas lazarees. Ah! lue e mais facil exerceer a sua influencia perniciosa de sacerdote. E e por isso que a vmos sempre possuindo ora para as bombas da Cadeia, ora para os lodos do Cemiterio, haireo este habitado por pobres familias enarem ses, no meio das quizes tão elle feito, segundo nos consta, uma grande colleita...

Sabemos das nomes de oco viridinas seduzidas e prostituidas por esse infel e miziravel padre romano, que talvez até não tenha tripudado em praticar o incesto. Isso não e peccado ante a igreja. Alexandre VI foi papa e no mesmo tempo amante de sua filha.

A redacção deste jornal possuie um seo ex-

'Pensador'! que clamor! porque clamaram no deserto. Em parte, em parte e cá não volto. Quanto ao procedimento futuro, serei o mesmo, que tenho sido até agora: canalha! e sempre canalha! Isto de honra... e honra é tudo pelo... Eu vou—em procura de outro officio... 29—de 8—81.

N. J. Z.

ECHOS DA RUA.

No dia 10 de setembro vindouro faz um anno que o azorrague d'O PENSADOR tem fatigado com energia as faces fividas d'esses malfadados que, em nome da religião, espalham por toda a parte a miséria e a inhumanidade. Os serviços d'O PENSADOR são de um valor incalculavel! A sociedade presente sustenta-o, e a futura o abençoará.

Frei Miranda, o dengoso, ainda não achou a espantilha que perdeu lá para as bandas de São Pantaleão e continua a ir procurá-la. —Procura padre, procura, que afinal lances achar um bom pau de vassoura...

O Rvd. Benedito, verdadeiramente camello tonificado, vai sair uma aula de coices, dadas especialmente em quem tiver tido qualquer infidelidade.

—Pedimos a policia que mande arrancar as ferraduras deste bruto affirm de não lamentar-se alguma desgraça.

Um parlapiuteo do Pará, que apesar de machucado tem o nome de Santa Helena, escreveu umas parlapiuteas, a que chamam versos, insultando a magistratura maranhense.

—E nós a pensarmos que so aqui no largo do Carmo é que postavam bestas e outras almarias.

Jodo Gadelhudo, caricato Quinto de batina, recebeu do Pará, segundo a manifesto, um garrafão grande do cachão.

—Não sei porque, mas todo o crapuloso acha sempre quem lhe alimento o vicio.

A canalha de Santo Antonio anda procurando taca de ferro para um novo pasquin, em que pretende injuriar familias maranhenses!

—Se tal acontecer o chicote substituirá a pena.

O raleiro Tito, que anda agora atrelado ao hispo como touro no cambão, lá tomando na Villa do Papo uns tubefes do Cazuzu por causa de questões religiosas.

—Isso não admira. Quem já teve o lombo esfregado por um rhapeco de sol, não estranha com certeza estas bagatellas.

Jodo Tolentino, que rouba orphãs depois de prostitui-las, acaba de ser desmascarado por um infeliz, que arranjara para responsavel das infâmias que quotidianamente vomita contra honrados magistrados e outros caracteres dignos de toda a consideração!

—Ensinem-me por favor um qualificativo com que eu possa designar, de um modo claro e positivo, este vilíssimo canalha.

O amigo Antonio Candido trouxe da Villa innumerables presentes e entre elles o porco furtado, dois caixas de catrinos, muitas galinhas, alguns cavallos e uma mula. —Bem-xá Deus que veio sortido.

Na segunda-feira 22 do corrente, pelas cinco horas menos cinco minutos da tarde, entraram no Pago Episcopal tres irmãos do coração.

—Que uma pobre vai pedir esmola ao bispo, explica-se, mas que lá vão senhoras palustrar, eis o que custa a crer.

Na noite de 24 do corrente passaram pelo Quartel, de braço dado, o Vigario de Pervaca e Frei Tabaco, a valentão, e foram para casa do bispo, d'onde sahiram ás 9 horas.

—Der-se-ha o caso que estes amigos andem assim agarrados com receio do desqualifitório...

Consta que o Rvd. Gadelhudo tem feito infames esbargos para conseguir a suspensão do honrado Congo Reis, que não assigna o humilhante protesto do clero em favor do rapazião Ozorio.

—Se aquelle sacerdote for suspellido, turlafu, tu saberás o que valem os brios maranhenses.

O patusco non Pareza foi pedir permissão

para tomar parte nas corridas, declarando que a seu cavallo parecia se com um touro e acudia pelo nome de Mouro.

—O Club negou-lh'a e fez bem, porque o tal cavallo, além do nome, mirra o que seria um perigo para os outros animais.

Antonio Candido para distrahir o rapazião Ozorio da pécha de calunianador, leva-o para toda a parte, apresentando-o a todos, como qualquer ama secca faz no seu gardicho bebe.

—Pobre rapazião, quem lá viu e quem to vê!

Aquellas pessoas, demozialmente indulgentes, que acharam por deusita enérgica a linguagem d'O PENSADOR, rogamos a fineza de ler a Cédula-o-cto, onde se insulta de um modo tão baixo e immoral, que faz corar as proprias regateiras.

—Lerem, que afinal não de coxir com nosco que para taes cães só um bom chicote.

Por falta absoluta d'espago não damos expediente, nem tratamos d'este numero de seu Tocco do Pará, que auto-então por aqui passou; mas no proximo numero os tocos lundones assignantes não-de dar gulestas jagalhadas á custa do zarruco. Esommas diz que o beaterio masculino e feminino pintou o selo.

O estimavel seu Pareza foi a Vianna dar destino aquella orphã e arranjar uns pasquinha contra nos.

—Se tal acontecer, nem todá arrica do Vidal lre desincha o lombo.

Movimento dos templos, Santo Antonio na Sexta-feira ultima.

Table with 2 columns: Item and Quantity. Includes: Realas pobres (13), Ditas do beato chinfrim (18), Theosoureira boado (1), Zeladora vaqueta (1), Grande chiefa das pagés (1), Seu pasquinio afonsucado (1), Sua meringa rachada (1), Seu pião lá de Guiné (1), Carrosos diversos (8).

NB.—Depois da sova do lombo, a Pa-reza anda mazonho.

Soyar Pasquinador.

CHRONICA.

A minha ultima chronica não foi como cantava—ultima—fiquei para seguir no outro vapor, prezo a esta boa provincia pela garganta, que entenden de adoezer ultimamente.

Quem perdeu com isso foram os padres e os leitores—aqueles para que a minha denominação rende uma sapaca de mais, e estes que têm de suportal-o de cara alegre.

—Isto de padres já fede, dá um vizinho meu, e eu concordo.—Lá fede! mas se o Pensador não se desse ao encomendo de emprender-lhes a ferida de dez em dez dias, as velhacos teriam com certeza pintado o seto com o Maranhão.

Quando com effeito o Mourão foi tão quinto como ultimamente vê-se obrigado a ser? Onde estão as amengas do Castro? O que é feito dos escudellos de Miranda? Para onde voaram as arragancias do Bispo?

Onde se refugiaram os suspiros do Ozorio? Tudo desfez-se ao attrito rijo e certo do Pensador. Si este continuar de atalafa por mais um anno acabará com certeza por fazer dos velhacos de Santo Antonio um grupo de bons burguezes, methodicos, acieidas e pacharrentos.

Agora que vou deixar este conto, que a generalidade do publico permitto-me occupar desde o nascimento do Pensador, aprax-me recordar os beneficentes resultados de nossos esbargos.

Si o Pensador não existisse quantos males, quantos desgraças não estaríamos lamentando a estas horas? Quantas lagrimas não teriam desbordado as mães que vissem as pobres filhas escorregarem na agua beata da sacristia? Quantos filhos não teriam accumulado no estomago os paes, os maridos e os irmãos, com a perda irremediavel de algum ente caro, rochado á seus affectos e á seus desvellos pela gula sorvelourosa da Santa Madre Igreja?

Entretanto para sermos justas havemos de confessar que os senhores padres, apesar de seus grandes esbargos, muito pouca gente conseguiram phenotizar.

Da que nos consta ter enpanemado com a presença do sr. Mourão e com a aparição do jornal catholico, so lamentamos a perda do jo-

coso sr. Euclydes, a desaparição do não menos jocoso sr. Tuto Carvalho, o aniquilamento do insubstituivel sr. Pareza e a absorção do profundo e velamoso sr. Augusto Almeida.

Essas perdas, sem, formo de um grande prejuizo para a patria.—Não mais ouviremos sr. Euclydes dizer com aquella graça, que tão bem lhe cabia, os versos originaes com que, ora embolava o somno das suas amoras das de 1830, ora ridicularizava os habitos inveterados da parte ridicula desta provincia, ora descomponha as pessoas que lhe cobiam por qualquer motivo em desagradada e ora endessava aquelles de cujas mãos llo tinham jorrado mil elementos de sympathy e amor.

Não mais ouviremos retumbar na tribuna a voz assombrosa de sr. Augusto, a gardo, que inundava o auditorio com uma cascata de eloquencia propriamente sua, quando abria uma quarta parte de sua bocca rara e opulenta, para dizer ao mundo as idéas que se lhe remechiam lá por dentro.

Jamais teremos a ventura de sahoriar o espirito fino, a volubencia, as repentes enfimantidulos do sr. Tuto, que fazia da lingua um history e anatomizava a vida do proximo, com a mais judiciosa maldade e o mais irresistivel capricho.

E a respeito da perda do sr. Pareza, a que poderemos dizer? Ah! a respeito dessa nada se pode acrescentar, porque não ha palavras para tão grande desgraça.

A pureza do senhor Pareza, que dizer, a perda do senhor Pareza, e uma dessas calamidades, que peçam socorro as nações como uma fatalidade escripta no livro da declinação: A patria, sentindo-se vergar ao peso de tanta desgraça, só tem uma coisa a fazer—é saadiar para longe o fardo de tamanha dor e exaltar com a voz lirica e vibrante para as gerações futuras:

—Elle era puro como a villa para! Mas puro era do que a para alguma! Era tão puro, puro, puro, puro, Que era a pureza da pureza para!!!

Além das supraditas perdas nada mais temos a lamentar com a Cédula-o-cto e com a presença do senhor Mourão, graças a constancia e energia com que o Pensador sempre vigiou os interesses da sociedade maranhense.

Quem escreve estas lódes seria muito ingrato si deixasse o Maranhão sem pontear a folha dos interesses catholicos e seu grande reconhecimento e eterna gratidão pelo muito que ella o tem divertido e obsequiado.

Não fui por ventura a Cédula-o-cto quem dirigio ao modesto autor destas linhas os mais fervorosos elogios e as mais lisonjeiras palavras?

Além disso não e amareou ella de expor ao publico toda a sua vida e todas as suas qualidades boas e más?

E elle não respondeu que acceitava com todo o gozo semelhante alvira e que ella não liveness pena ou receio de expor tudo o que sobresse a seu respeito?

Pois bem! O tempo decorreu—a Cédula-o-cto fallou, fallou, fallou e a publico ficou, acedendo por uma vez, que o autor destas linhas não tem um motivo serio por onde possa ser censurado.

Qual foi o crime de que a Cédula-o-cto a accusou? Qual foi a maldade, a vulgaridade, a espezteza que ella descobrio em sua vida?

Qual foi a bandalheira, a maldade, a acção má de que ella se responsabilizou? Nada! nada! nada! Nas immensas correspondencias indirectas com que ella o supplee proseguir e encolvalhar não se encontra uma unica occasião seria, não ha um unico ponto que tenha um leve cheiro de verdade e que possa comprometter algum. Tudo ali é futil, e pueril, e reles!

Para baler-o, ella teve de tomar por assumpto de suas criticas, o seu bigodinho, a sua roupa, a sua bengala, o seu lego currucho, a sua cabeleira, a sua voz, os seus musculos, o seu abraço e os seus sapatos.

Ora, depois disto o publico nenhuma duvida terá sobre as qualidades e sobre o comportamento de quem escreve estas linhas.

Então?—isto sera ou não sera um grande sermão? Até aqui podia haver algum que tivesse a meu respeito alguma duvida merca lisonjeira—de hoje em diante, depois que a Cédula-o-cto encarregou-se de publicar todos os passos que tenho dado, ninguém hesitará em confessar que minha vida até hoje não tem uma unica mancha que me possa envergonhar, um unico ponto que me possa humilhar—é uma vida limpa e indpendente.

Vou para o Rio satisfeito e feliz por isso! A Cédula-o-cto por conseguinte os meus mais sinceros agradecimentos pelos bons serviços que na sua alta philosophia entendeu prestar-me.

Uma das accusações mais repetidas e mais justas que me fez o jornal catholico foi a de que eu sou um ignorante!

—A bonhe heure! Pelas estranhas de Leão 13 que é exarato!

E exarato! para vergonha da Cédula-o-cto, que foi batido, enraivecida e causticada por uma ignorancia de primeira forza.

Oh! mas a ignorancia na minha idade não é também um motivo de desespero—quando nenhuma outra consolação me restasse, bastava olhar para a. eye. Rydm. e estaria completamente consoldo, porém não longo não desse recurso extremo—a ignorancia tem uma boa qualidade, é que dissolve se com o estudo, e a gosto de estudar.

O leitor deve estar naturalmente aborrecido pelo facto de tratar eu nesta chronica quasi que exclusivamente de mim.

Que me desculpe semelhante sensiborio, porém não podia partir sem explicar-me com o publico e sem dizer aos senhores padres de Santo Antonio que não levo o menor rancor contra s rvidos, e que desejo ao contrario que s rvidos, continuem a gastar com este seu humilde criado o maior numero que puderem das columnas de seu jornal.

Sinto bastante que na occasião justamente em que me retiro desta capital esteja o Sr. Mourão soffrendo a comira decepção que lhe causou sem duvida o protesto do Sr. Dorotheu Manuel Pinto, a quem o irmão de S. Rydm. tinha feito assignar uma responsabilidade como testa de ferro da Cédula-o-cto e do Pharel.

Segundo o que diz Pinto no seu protesto a responsabilidade foi assignada por occasião de um firmidavel gongo. Ora chi está um touro de forza que honra sobre maneira a presciencia do padre Ignacia Mourão.

Eu, porca, digo ao Mourão de cá que não desanime por isso e procure apur mesmo um responsavel para o seu novo jornalinho.

Nada me consolaria do desgosto de saber que o Pharel não veio a luz por falta de um testa de ferro.

O Pharel promettia ser um pasquinzião em regra! Calcule o leitor que já se affiança pela bequinhos de varias pessoas que as familias de todos os pensadores livres desta capital seriam arrojadas impudicamente a mais tarpe de detracção que é possível imaginar.

E é isto o que estamos em risco de perder, porque a peste do Dorotheu declara que a responsabilidade assignada por elle não prevalece em razão do ter sido assignada no acção de um porco fornaldado.

Com a breca! Um porco não é um motivo para semelhante coisa—os senhores padres devem defender os seus direitos! Si o que se faz no porco não merece consideração—a que ficam redundas os discursos de nosso impagavel Bispo?

O Pharel deve sair! O Dorotheu, um porco ou não no porco, deve ser a responsavel.

E o resto que va pentear mones!

E é no occasião em que estou para retirar-me que me dão semelhante noticia! antes não me dissessem com a alguma! mil vezes antes!

Em todo o caso tenho de ir e desde já vou dispondo dos objectos de meu uso, que não tencio levar para o Rio. Reunam-se por conseguinte os collegios do redacção e procedam a distribuição de meus nationetes.

Vamos lá!

Tromos o primeiro—E' o Mourão!

Frie-te com elle, Paulo! Tu, Pedro, toma conta do Fonseca-o Paulo, que se o encarregue do Miranda; o Arthur guarda para ti o Ozorio, Agripino, por seres o mais trianga, cabe-te o Gasto.

E prompto!—o scco está rasio!

Ah! esperem! ainda chocalha cá dentro alguma coisa.

Vijamos!—E' o hispo!

Quem quer o hispo?

Então ninguém quer?!

O hispo!

Ora ecco! Quees para ti o hispo, Ladislau!

Também não?!

Ora esta! Pois o hispo sera de quem quiser! porque eu tambem não o quero mais para cousa alguma!

Ah! uma idéa! Vou annunciar-o!

BISPO.

Quem precisar de um com algum uso, podem ainda em estado de prestar serviço, pido se dirigir ao escriptorio desta redacção, onde encontrarã quem a serra, mediante um preço muito razoavel.

Não se dá por amostra e nem se paga o carreto.

E com esta—até a volta.

Aliziu Azevedo.

Maranhão.—Typ. de Frias & Filho Imp. por Antonio J. de Barros Lima